

As conclusões a que chega são bastante otimistas. Os candidatos – praticamente todos derrotados eleitoralmente – são vistos como "novos atores sociais", numa alusão a conhecido trabalho de Eder Sader sobre as lutas do ABC paulista em fins da década de 70.

Tais candidatos, na expressão de Cloves Oliveira, não eram políticos tradicionais – daí, em nossa conclusão da análise do pesquisador, terem se dado mal. "Esses políticos buscavam agenciar no seu relacionamento com os eleitores (...) variados sistemas de alianças e mecanismos de solidariedade bem personalizados, tais como: o compadrio, as amizades, a identidade de pertencimento a uma mesma comunidade, localidade ou grupo, onde a população vive problemas comuns."

Conclusões desse gênero e outras como: "Indiretamente, a emergência dos candidatos surge como algo que redimensiona a noção de político e da política na subjetividade político-social de determinados segmentos da população de Salvador. Não poderia se falar de um 'novo' estilo de político e de fazer política? Nem partidários, nem propriamente ou exclusivamente clientelistas, seriam políticos 'comunitários'", como dizíamos, conclusões desse gênero nos parecem demasiado românticas. Além de literariamente mal formuladas.

Cloves Oliveira é feliz na parte de qualificação dos dados, mas sua interpretação dos resultados eleitorais desfavoráveis aos candidatos negros (parece que apenas dois, sendo um deles Gilberto Gil, foram eleitos) é no mínimo paternalista. Em nenhum momento se questiona por que os negros se dividem tanto (e continuam se dividindo) na hora da disputa, já que se reconhece que eles não dispõem de grandes recursos econômicos para desenvolver suas campanhas – e muitos são totalmente inexperientes em disputas eleitorais.

Enfim, "Cantos e Toques" tem a vantagem de permitir uma visão geral da negritude em Salvador, se não se exige muito da mistificação da cultura negra. Em certo sentido, é um trabalho feito por positivistas. Não há nenhum demérito nisso, mas...

Fernando Costa Conceição  
(Graduando do Departamento de Ciências Sociais – USP)

\* \* \*

Luiz Gonzaga Piratininga Júnior. *Dietário dos negros de São Bento*.  
Prefácio: José de Souza Martins. Editora Hucitec e Prefeitura de  
São Caetano do Sul, 1991.

O autor inicia o livro com um ditado da cultura lorubá: "Tudo que tem solução, tem rosto". A partir desse pressuposto o livro construirá, de uma maneira interdisciplinar, utilizando-se da História das Mentalidades, da Antropologia Social e da Sociologia, o rosto de uma determinada comunidade negra que no século XVII habitava uma das fazendas do Mosteiro de São Bento.

O livro parte de uma visão global onde é analisado o papel da Igreja Católica no Brasil com relação à escravidão para focalizar um estudo de caso da família do ex-escravo Nicolau à qual pertence, aliás, o próprio autor do livro.

Uma das questões que chama a atenção do leitor é o fato de que, ao mesmo tempo em que a Igreja Católica apoiava e legitimava a escravidão, via os negros sob a ótica da catequese, ou seja, almas a serem convertidas. Como consequência dessa ambigüidade resultou para os negros a oportunidade de serem alfabetizados. Neste momento o negro escravo passa a ter um outro tipo de registro que não somente o da história oral e sim o da história escrita, abrindo, portanto, para nós o rosto oculto da história oficial.

A tese principal do autor é de que as fazendas do Mosteiro de São Bento (fazendas de São Caetano e São Bernardo) foram locais ideais para a preservação das comunidades negras, onde se pôde reproduzir uma determinada formação familiar originária da cultura africana Iorubá, a chamada família extensa. Esta foi o ventre da preservação da identidade africana da família do autor, que, aliás, pertence à sua nona geração, compreendendo no total 74 negros escravos e 43 negros livres.

Na procura de seu mito fundador, o autor reconstrói por meio de documentos, fotografias e depoimentos (na medida do possível) a vida cotidiana e a mentalidade dos negros das duas fazendas. A principal documentação vem de Nicolau – bisavô do autor – que nascera escravo nas senzalas da Fazenda de São Caetano, filho da escrava Guilermína com o abade frei de São Bento dos Santos Pereira. A trajetória de vida de Nicolau nos mostra um outro lado da existência dos ex-escravos: o do ingresso dos negros nas camadas baixas da sociedade brasileira. No que concerne a Nicolau, já adulto, sua trajetória o faz ingressar nas camadas médias. Tanto econômica quanto culturalmente o seu nível de vida é bem diferente do que nos mostra os registros de vários livros de história sobre o assunto.

O autor, portanto, retira o negro da porta dos fundos da história oficial e lhe dá um rosto, recolocando-o assim como um dos personagens principais e atuantes da vida cultural brasileira: personagem que não só interage com o seu momento histórico mas também reproduz, a partir de seu universo simbólico, a efervescência social de seu tempo.

Maria de Lourdes Beldi de Alcântara  
(Doutoranda do Departamento de Sociologia –USP)

\* \* \*

Reginaldo Prandi. *Os Candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1991, 261 p.

Para o leitor pouco familiarizado com o candomblé. *Os candomblés de São Paulo* apresenta um descrição detalhada e abrangente das concepções e práticas fundamentais desta religião: o processo de iniciação, a hierarquia interna e a organização do terreiro, a relação do adepto com os orixás, o panteão afro-brasileiro, a caracterização dos orixás e de seus "filhos", as diferenças e semelhanças com relação ao culto africano, o papel do oráculo, os valores sagrados, o papel da magia,